INDÍCIOS EM REPRESENTAÇÕES: DENOMINAÇÕES EM TORNO DA COLÔNIA AFRICANA

Eduardo Kersting¹

Não sabemos quando surgiu a denominação *Colônia Africana*², ou como vingou essa alcunha para aquela área de Porto Alegre que recebeu uma população negra no final do século 19. Isso é silêncio nas fontes. Partindo da hipótese de que a própria ação de denominar aquele local como *Colônia Africana* constituiu-se em uma forma de representação que aponta para a exclusão social dos habitantes negros daquele lugar, proponho analisar uma série de indícios que possibilite essa afirmação.

Explicitando melhor, acredito que há no termo *Colônia Africana* a ironia de uma época em que a instalação da ordem burguesa implicava a exclusão social das consideradas *classes* tidas como *perigosas*, noção que tem na figura do negro um alvo particular, na conjuntura posterior à abolição e no contexto da reestruturação do mercado de trabalho, a partir do final do século 19.³ Daí a criação de uma série de denominações que vingaram na sociedade e que possibilitaram relegar à marginalidade esse setor negro da população. A Colônia Africana surge como exemplo deste processo de exclusão, e a própria denominação popular que recebeu parece colocar-se como uma representação que é ao mesmo tempo reflexo e alimentadora desse processo.

Entretanto, essa afirmação não pode ser compreendida de forma direta nas fontes disponíveis, mas somente a partir da contraleitura das imagens e dos discursos que elas nos propõem. Sugiro que seja possível comprovar a ligação entre denominação e exclusão através da análise de alguns sinais sutis, cujo acesso só é conseguido com um esforço de raciocínio, um jogo de corpo do historiador e, por que não, uma certa dose de imaginação.

Se, sob uma grossa camada de poeira ideológica, as fontes se masca-

¹ Eduardo Kersting é mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde defendeu a dissertação de mestrado intitulada *Negros e a modernidade urbana em Porto Alegre: a Colônia Africana (1890-1920)*.

ram, é necessário um instrumental que possibilite enxergar a rica realidade encoberta pelas imagens e discursos que nos apresentam. Isso não se faz possível sem um posicionamento teórico do historiador. Proponho, neste trabalho, procurar certos indícios⁴, nas próprias fontes, que permitam o desvendamento de representações coletivas⁵ que estabeleceram, no imaginário social⁶, imagens negativas sobre a Colônia Africana, ligando a área e seus habitantes às noções de criminalidade e de ociosidade. Nesse sentido, serão analisadas aqui as palavras que denominam (como os dois termos - *Colônia Africana* e *Rio Branco* - que irão nomear, em diferentes momentos, toda a área) ou que, de algum modo, estão relacionadas com aquela área da cidade, pois esses termos muito dizem sobre o processo de exclusão sofrido por aquela população negra, particularmente engendrado no período de instalação da modernidade em Porto Alegre.⁷

Mas, aqui neste trabalho, a porta de entrada para o passado será outra, e ela nos é possibilitada por uma chave do presente.

Desde que me interessei pelo estudo desse território negro que existiu em Porto Alegre, e sempre que fui obrigado a informar o meu objeto de pesquisa, me deparei com duas reações diferentes: a das pessoas que alguma vez na vida já haviam ouvido falar da existência de tal lugar e a das que o desconheciam por completo. Sobre as primeiras pessoas pouco tenho a falar, a não ser que formam um grupo restrito, dado a falta de um estudo sobre o assunto, ou da sua distância no tempo, que, de certa forma, apagou pessoas e memórias do lugar. O que interessa aqui é o segundo grupo das pessoas desinformadas, ou melhor, a sua reação, quando lhes explicava a temática do meu trabalho. Geralmente comentavam, meio desinteressadas: “ah, eu não sabia que havia existido uma *colônia africana* em Porto Alegre...”

Aos poucos me fui dando conta de certas peculiaridades da denominação *Colônia Africana*. Em primeiro lugar, o que talvez sobressaia à cabeça de certos contemporâneos meus seja a primeira palavra (*colônia*) condicionando a outra (*africana*). O que essas pessoas pensam ao ouvir o termo, em outras palavras, é em uma *colônia formada por africanos*, associando a um prévio conhecimento da existência de colônias de imigrantes no interior do Rio Grande do Sul. Não compreendiam a Colônia Africana como uma determinada área de Porto Alegre que abrigou, no passado, uma comunidade de ex-escravos, sua real definição.

Esse engano provém, ao meu ver, de uma associação semântica que essas pessoas fazem da palavra *colônia*. O termo *colônia*, em um dos significados que tem atualmente, refere-se à reunião de indivíduos de uma mesma nacionalidade que vivem em uma região de outro país ou, mais di-

retamente, à povoação fundada por imigrantes. Uma noção presente ainda hoje, mais específica e local, relacionada à experiência histórica da sociedade gaúcha, liga a idéia de *colônia* (e a sua variante *colono*) basicamente às etnias alemãs e italianas. Ora, essa noção formou-se justamente no decorrer do século 19, quando o esforço oficial e particular estabeleceu uma série de núcleos de imigrantes europeus no interior do Rio Grande do Sul. Posto isso, sabemos então que a palavra *colônia* designa hoje a mesma coisa que no passado que está sendo estudado, pois foi justamente nele que o seu significado atual foi consolidado. Ou seja: salvo engano, tudo indica que o termo *colônia* tem hoje o mesmo sentido que tinha na época em que a Colônia Africana recebeu seu batismo popular.

A permanência semântica de uma palavra pode parecer de certa maneira óbvia, mas o historiador deve saber o quanto são escorregadias certas encostas da história, e que palavras nos fazem tropeçar ao mínimo descuido; daí, para o desenvolvimento do raciocínio a que me proponho, ser necessário tal cuidado. Além disso, veremos adiante, para valorizar ainda mais este cuidado, o exemplo de uma palavra que teve seu significado mudado no tempo.

Interessa ainda dizer, como coloquei de início, que o presente, nesse caso, é que está nos dando o indício de uma imagem do passado, possibilitando resgatar o que há por trás de uma poderosa representação criada pelos anônimos que apelidaram a Colônia Africana, o correto sentimento da população onde germinou tal alcunha.

Eu diria ainda que o poder dessa representação tinha como um dos seus sustentáculos a sua própria estranheza, e que mesmo hoje essa estranheza é perceptível: “onde já se viu, uma *colônia de africanos*?” Mas o que não pode ser percebido mais hoje, o que se perdeu no passado, é justamente o que era sua significação principal, a própria razão de ser de tal denominação: a ironia do termo. Acredito que o termo *Colônia Africana*, estranho hoje e ontem, foi criado e vingou popularmente (socialmente), como denominação àquela área de população negra, em boa parte pelo que tinha de irônico.

Em uma sociedade acostumada com a presença de colônias de imigrantes, geralmente alemãs ou italianas, devia ser de certa forma engraçada a idéia de que uma reunião de negros urbanos recebesse a alcunha de *Colônia Africana*. Os colonos europeus, loiros e de pele clara, sobre os quais foram criadas representações em torno do trabalho, progresso e prosperidade, segundo a visão estereotipada, contrastavam radicalmente com aquele grupo de negros despejados em uma zona insalubre, tachados de criminosos, vagabundos e desordeiros pelas gazetas da época.

Na verdade, a visão de antagonismo entre os dois grupos tem raízes mais profundas, como sabemos hoje: no pensamento das elites do século 19 - e ainda por algumas décadas do século 20 -, a imigração européia vinha em resposta aos anseios de que o Brasil pudesse finalmente entrar no rol das nações civilizadas e progressistas, que finalmente largasse sua âncora escravocrata, justificando assim uma política de branqueamento da sociedade na qual o negro era considerado um fator de atraso e mesmo um elemento que inviabilizava, pelo peso populacional e pela própria mistura racial, o Brasil de tornar-se uma nação.⁸

Assim, o sucesso da denominação *Colônia Africana* insere-se no arranjo histórico colocado acima, cumprindo o seu papel no processo de exclusão social da população que habitava a área designada por ela. Isto é ainda pouco, mas já é mais que uma simples hipótese: procuro basear-me em mais indícios que possibilitem tal afirmação. Um desses indícios foi colocado acima e tem a ver com a permanência do significado da palavra *colônia* no tempo. Outros dois indícios, que colocarei a seguir, dizem respeito direta e indiretamente à Colônia Africana.

Há sabidamente, na história de Porto Alegre, outra área da cidade que recebeu um grande contingente de negros, pouco antes da criação da Colônia Africana. Chamava-se popularmente (socialmente) *Areal da Baronesa*, e constituiu-se, salvo especificidades locais, em uma área similar à Colônia Africana: era uma região insalubre, fora do centro urbanizado, habitada por uma população pobre, essencialmente negra, estigmatizada pelos órgãos oficiais, pela imprensa e por tudo aquilo que era considerado *sociedade* na época. Essa prima-irmã mais velha da Colônia Africana recebeu, sintomaticamente, também uma alcunha irônica ao meu ver. Comprova-se isso não pelo caminho utilizado antes, onde a permanência semântica no tempo possibilitou a interpretação de um termo do passado, mas por um subterfúgio diferente. *Arraial* - de onde provém o termo *Areal* - hoje em dia quer dizer pouco mais que um pequeno lugarejo rural. Nesse caso, inversamente, o presente pouco tem a nos indicar, já que houve, *em parte*, a perda do significado do termo entre o passado e o presente. Digo *em parte* porque os arraiais de antigamente eram justamente pequenos lugarejos separados dos centros urbanos. Mas o que parece ter sumido é um sentido local e temporal do termo *arraial*, que na Porto Alegre do final do século 19 indicava as regiões próximas - embora fora - do núcleo central, para onde a cidade iria desenvolver-se espacial e economicamente. Esses territórios geralmente tinham origens étnicas: o arraial do Menino Deus foi criado por açorianos, o de Navegantes e o de São Manoel pelos alemães. Outros lugares, como a Colônia Africana e o Areal da Baronesa, cujas origens estavam ligadas à população negra, “não recebe-

ram dos notáveis o estatuto de arraiais".⁹ Arraial era outra coisa: era o arrabalde pacato, que está saudosa e melancolicamente presente nas crônicas e na memória dos mais velhos, com a capela no seu centro, com suas procissões, seus afazeres honestos, suas figuras lendárias, sua atmosfera provinciana. Já áreas como a Colônia Africana eram zonas perigosas, *escabrosas regiões*, longe do trajeto dos cortejos religiosos, longe dos bondes, longe de Deus e do progresso, *cortes do crime*, antros de vagabundos e desordeiros, em terrenos insalubres e alagadiços. O Areal da Baronesa deve seu nome tanto à Baronesa do Gravataí, antiga proprietária da chácara em que se formou, quanto a grande quantidade de areia que o fluxo do Riacho, responsável pelos constantes alagamentos da área, depositava nas proximidades da sua foz com o rio Guaíba. Esse fato deve ter exaltado os gozadores da época, que não conhecemos, pois estão mudos nas fontes usuais, mas que parecem berrar do passado à nossa imaginação: "que *arraial*, que nada, aquilo lá é um *areal*!"

A ironia está novamente presente aqui. As denominações das duas áreas, independente de sabermos quem as criou, parecem ter vingado popularmente (de novo, *socialmente*) por uma mesma verve humorística, a partir de uma imaginação profundamente comprometida com as posturas em relação ao negro na época. E não seria por acaso que as duas principais áreas de população majoritariamente negra da cidade, no final do século passado, tivessem suas denominações ligadas à ironia popular. Considero que esses termos fazem parte de representações coletivas que se tornaram hegemônicas no imaginário social da época, que estigmatizaram e possibilitaram a exclusão social dos habitantes destes lugares.

Gostaria de chamar a atenção para um outro indício, mais concreto, onde o sentido evidente é o riso, e por isso mesmo bem mais complexo de ser decifrado. Existe, na revista *Iris* de 1921, um grupo de charges que ocupam uma página inteira, intitulado *Porto Alegre Pitoresca*, que se propõe a fazer uma brincadeira com os nomes de algumas localidades de Porto Alegre ou próximas a ela.¹⁰ A maior parte das figuras peca pela ingenuidade aos olhos de hoje: assim, *Viamão* é representada por um homem nocauteado por um soco no olho (vi-a-mão - rárará...); *Cascata* e *Riachinho*, respectivamente, por um menino aos prantos e por um bebê fazendo pipi; *Floresta*, por uma negra com uma vasta cabeleira; e *Tristeza*, por um homem triste. Duas delas, porém, nos chamam a atenção. A primeira é de mais fácil interpretação do seu significado: a *Independência* aparece retratada pela figura clássica de um burguês, com uma mão no bolso, o charuto na boca, os detalhes - botões, anéis e relógio - reluzentes, indicando tanto o local representado, o dos palacetes burgueses

construídos pelo desenvolvimento industrial e comercial das primeiras décadas do século 20, como, indo mais além, indicando a *independência* que o dinheiro deve proporcionar.

A outra área retratada é justamente a Colônia Africana. Aqui há o problema de se afinar a interpretação, o que acontece comumente com a caricatura. O cômico é tendencialmente diverso no espaço e perecível no tempo: ele varia de país para país, assim como tem dificuldade de manter a sua permanência durante os anos. Uma explicação para isso seria

que ele se alimenta do que é próprio do lugar e do tempo em que surge: costumes, sociedade, política, etc. O que parece ser preciso para a interpretação do cômico, quando visto deslocado do contexto que o produziu (por exemplo, quando é analisado por um historiador), é a necessidade de uma chave para a sua compreensão. É preciso ter um certo número de referenciais do passado para que se perceba o objetivo dessas antigas caricaturas: o riso. Porque, se a caricatura é “uma representação abstrata desprovida de *realidade*, [...] o seu referencial é a própria realidade e, como toda a imagem, mede sua força pelos efeitos mobilizadores que produz, e não pela sua veracidade”.¹¹ É nessa sua relação com o real, e mais o seu poder sobre o imaginário social, que podemos buscar elementos para a sua compreensão. Mas verifiquemos isso na fonte.

A Colônia Africana é representada por uma família negra.

As interpretações para a figura podem ser várias. Todas elas certamente serão mais sisudas do que essa caricatura, aparentemente despreziosa, mereceria receber. Vou deter-me aqui em apenas alguns aspectos, pois, como foi colocado acima, estamos atrás de significados perdidos no tempo.

Uma das leituras possíveis seria entrar no espírito da brincadeira proposta e aproximar-se da provável visão de quem produziu as charges e de quem as consumiu. Nesse caso, parece ter interessado tanto a relação semântica do termo com o objeto que está sendo representado quanto a denominação do local em si, possibilitando a construção de uma imagem irônica, que pode depender ou não da sua veracidade. Ou seja, se, por um lado, interessa realmente que a Colônia Africana seja uma região habitada por negros pobres, assim como a Independência seja a zona rica da cidade, por outro lado interessa também as associações de imagem a partir da denominação do local com a figura que a representa - Independência igual à grana, Colônia Africana igual ao agrupamento de negros.

As representações colocadas aqui - nome do lugar + charge - são, sobre o imaginário social, mais poderosas do que o próprio real, pois criam associações de imagens de áreas urbanas e das populações destas que levam às construções imaginárias geralmente qualitativas, direcionadas para o bem ou para o mal, para o bom ou para o ruim. Essas representações são poderosas no sentido do seu convencimento e do seu poder de provocar riso, possibilitando aquele tipo de conclusão que as pessoas comumente parecem dizer: "*é engraçado porque é verdade*".

O que a charge pode nos apontar, indo de encontro aos outros indícios que coloquei antes, é que na época deveria-se achar engraçada e verdadeira a idéia da Colônia Africana ser representada por um grupo de negros, ou, mais precisamente, por uma família de negros, e, talvez, por um núcleo familiar "*colonial*" composto por negros. Retorna aqui a ironia que destacamos acima, ao ligar-se os termos *colônia* e *africano*, utilizando-se uma terceira imagem, muito próxima da idéia de *colônia*, que é a representação de família.¹²

Outros tipos de leitura sobre a caricatura são possíveis, mas sempre nos limites que a fonte nos coloca. Poderia, por exemplo, ser feita uma análise do gestual e do próprio modo de como estão retratadas as figuras na charge - como a do garoto negro, que ali aparece encostado com as mãos no bolso, que parece assemelhar-se muito mais à figura de um malandro do que à de um moleque. Mas uma leitura como esta, embora possível, seria por demais pessoal e muito presa na fonte em si, ficando longe, portanto, do exercício a que me proponho fazer aqui. Prefiro seguir outro caminho.

Uma outra possibilidade, que está além da simples observação direta dessa charge sobre a Colônia Africana, pois necessita de um conhecimento complementar, é a de que a figura fosse engraçada porque retratava uma *realidade* que em parte não existia mais. Representar a Colônia Africana por uma família negra talvez não correspondesse mais à imagem que se estava desejando para o bairro na década de 1920.¹³

De rebarba alagadiça de chácaras, onde negros recém-emancipados se instalaram, no final da década de 1880, passando pela imagem de centro da criminalidade da cidade, construída por respeitáveis jornalistas a partir da década de 1890, até a implantação de mecanismos de apropriação da área pelos poderes oficiais, como os melhoramentos urbanos, a inauguração da igreja católica na década de 1910, e, por fim, com a alteração da própria denominação do local para Bairro *Rio Branco*, pode-se resumir a história da Colônia Africana, sem resistir a um horroroso trocadilho, da seguinte maneira: em direção a sua versão *Rio Branco*, é a Colônia Africana tornando-se *branca*.

É interessante, nesse sentido, ver os esforços do cônego Matias Wagner, primeiro pároco da igreja católica, construída na área em 1916, em estabelecer a imagem de pessoas pacatas e trabalhadoras - embora pobres - ao seu rebanho de ovelhas brancas (observam-se poucos negros nas fotografias do seu livro)¹⁴, contrastando com o que alardeavam alguns jornais, anos antes, sobre a Colônia Africana, em colunas que formulavam uma série de imagens negativas do lugar, como *corte do crime*, *tenebroso inferno* ou *antro de vagabundos e desordeiros*.¹⁵ Duas posturas diversas, mas fiéis aos seus desejos de sociedade perfeita: uma apontando para um sonho de modernidade, onde uma Colônia Africana negra estava fora de consideração, e por isso clamavam pela intervenção policial, outra mostrando como o local havia mudado sob os auspícios de Deus e do progresso. Ambas fazendo a apropriação do espaço por meio da construção de imagens e discursos que se propunham hegemônicos, em diferentes períodos, sobre o imaginário social.

É interessante verificar também como a denominação *Colônia Africana*, em um certo sentido, foi-se deslocando no espaço à medida que a sua população negra ia sendo expulsa para a periferia da cidade. As primeiras fontes mostram-na basicamente restrita a uma pequena área entre as atuais ruas Cabral e Castro Alves, no atual Bairro Rio Branco, costuradas pela Avenida Mariante no centro, constituindo uma região baixa - e é principalmente esta que é considerada - com ramificações morro acima, na direção leste, e não ultrapassando a atual Rua Ramiro Barcelos, na direção oeste, embora seja algumas vezes identificada e confundida

com o Bairro Bonfim, ou seja, mais próxima ao centro da cidade. Já as fontes mais recentes nos indicam a Colônia Africana em cima do morro, ligando-se, mais a leste, com a região do Mont'Serrat.¹⁶ Há uma certa *migração* do termo, acompanhando o sentido da expulsão da população negra, cada vez mais longe da área central da cidade.

Mas, por enquanto, tratei apenas de denominações que foram criadas ou vingaram popularmente, como no exemplo maior *Colônia Africana*. Entretanto, existe um quadro mais rico ainda de palavras em torno da área, que podem ser consideradas também dentro do processo de dominação e exclusão da sua população negra, principalmente aquelas denominações oficiais surgidas após a abolição dos escravos e a proclamação da República, sintomaticamente ligadas ao processo de implantação da modernidade urbana e da ordem burguesa da cidade, e de toda a apropriação do espaço que lhe é peculiar. Alguns nomes de ruas da Colônia Africana apontam para personagens e idéias que gravitaram em torno do abolicionismo: temos a Rua Liberdade, assim como temos a Rua Castro Alves. Nada mais sensato ligar àquela área negra o ideal de liberdade e o nome do preclaro poeta dos escravos - ambas as ruas aparecem após a abolição, no calor dela.

Paralelo a isso, como lembrança da antiga posse não só da região, como possivelmente de seus moradores, estão presentes os nomes dos antigos proprietários de terras e de escravos: bem no *miolo* do bairro a Rua Mariante, mais adiante a Rua Dona Laura (Mostardeiros), um pouco mais além a Rua Mostardeiros.

Essas denominações representam mais do que simples palavras jogadas a esmo, pois nelas se articula o não acaso de nomearem um território de população essencialmente negra com a história da emancipação dos escravos neste país, vista, pela postura tradicional, como uma concessão dos antigos senhores, que de uma hora para outra foram humanizados pela campanha abolicionista.

Há ainda um dado curioso: duas ruas na área receberam dos republicanos as denominações Francisco Ferrer e Cesar Lombroso, o primeiro, um anarquista espanhol, e o segundo, o famoso médico criminalista italiano, idolatrado na época justamente pelas suas teorias sobre o criminoso nato, que eram, de certa forma, extensivas aos negros. Talvez tenha pesado nisso o desejo de saneamento do local pelas autoridades municipais.¹⁷

Se nas denominações das ruas é possível observar um histórico de exclusão dos negros do processo de modernização da cidade, é possível também ver, nas mesmas ou em outras denominações, dados mínimos que apontam para a visão que a própria população negra tinha sobre esse processo todo. Assim, o termo *Colônia Africana*, colocado até o momento

como representação que aponta para a exclusão social da população negra da área, pode ser visto, inversamente, como sustentáculo da resistência cultural dos moradores de descendência africana - embora se desconheça o que a população negra achava da denominação do local. Ary Veiga Sannudo, conhecido cronista da cidade de Porto Alegre, chama a atenção para o fato de que a Colônia Africana foi um dos poucos lugares da cidade em que o nome popular não provinha da denominação da paróquia católica, contribuindo para isso a força dos cultos religiosos africanos na área.¹⁸ É interessante notar também a existência, no arrabalde, de um salão de baile intitulado *Filosofia Negra*, em contraposição a uma sociedade de elite chamada *Filosofia Branca*.¹⁹ As peculiaridades dessas denominações, somadas a outros dados, nos indicam a defesa dos moradores negros de seus antigos modos de vida, diante de uma presença cada vez mais intensa dos poderes oficiais.²⁰ O que nos mostra um quadro de não passividade da população negra da Colônia Africana ao processo de exclusão que sofria, embora esse tenha sido poderoso e, por fim, tenha sido vencedor. Esses pequenos indícios nos dão esperanças de construirmos uma história mais plural da área, que possibilite dar voz aos vencidos, cujos registros de vida sobrevivem, por mais que tenham negado, por trás das fontes, embora eles nos cheguem do passado como a luz fraca de uma vela, quase se apagando pelos contínuos ventos do progresso.

O esforço intelectual colocado aqui foi uma pequena amostra, de certa forma fragmentada, da história da Colônia Africana a partir do recorte das denominações que recebeu, e de algumas imagens e discursos relacionadas a elas. Assim, a partir de uma série de indícios que, quando contextualizados ou colocados sob uma perspectiva histórica, nos revelam uma outra história que não a tradicional, podemos vislumbrar todo um processo de exclusão social sofrida pela população negra.

Procurou-se aqui resgatar as denominações oficiais e populares da antiga Porto Alegre, tendo em vista que o ato de nomear era ao mesmo tempo um processo de apropriação do espaço e reflexo da nova ordem que se estabelecia. Partiu-se do pressuposto de que seja possível historiar essas denominações visando resgatar nelas as forças profundas de exclusão social do negro na sociedade.

Procurou-se, por fim, verificar a utilização da ironia, do humor e do riso nessa exclusão social da população da Colônia Africana, que parece refletir-se sobre formas recorrentes do racismo brasileiro, como na utilização do cômico, principalmente nas corriqueiras *piadas de negros*, para a construção e a renovação constante de imagens alimentadoras da representação social do negro na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACZKO, Bronislaw. *Los imaginarios sociales: memorias y esperanzas colectivas*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DARMON, Pierre. *Médicos e assassinos na Belle Époque: a medicalização do crime*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1988.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MAUCH, Cláudia. *Colônia Africana: criminalidade e controle social*. Porto Alegre: Texto inédito, CPG em História/ UFRGS, agosto 1988.
- MORAES, Paulo Ricardo. Colônia Africana: a história esquecida. *Zero Hora*, Caderno D, Porto Alegre, 25 jun. 1989, p.1-2.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A emergência dos subalternos: trabalho livre e ordem burguesa*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS/FAPERGS, 1989.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy (coord.) *Memória Porto Alegre: espaços e vivências*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS/PMPA, 1991.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy (coord.). *Porto Alegre caricata: a imagem conta a história*. Porto Alegre: UE/Secretaria Municipal da Cultura, 1993.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. O desfazer da ordem fetichizada: Walter Benjamin e o imaginário social. *Cultura Vozes*, v. 89, n.5, set/out 1995, p.34-44.
- PORTO ALEGRE. PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA. *Carnavais de Porto Alegre*. Textos de Flávio Krawczyk, Iris Germano e Zita Possamai. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.
- SANHUDO, Ary Veiga. *Porto Alegre: crônicas da minha cidade*. 2º volume. Porto Alegre: Editora Movimento/IEL, 1975.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- WAGNER, Matias. *Paróquia de N.S. da Piedade de Porto Alegre - 1916-1958*. Porto Alegre s/ editora, s/ data.

NOTAS

2. Por *Colônia Africana* era denominada uma área da cidade de Porto Alegre "em que se estabeleceram, em torno da época da Abolição, numerosas famílias negras", e que corresponde, *grosso modo*, ao atual Bairro Rio Branco. Um histórico resumido, aqui citado, está em Franco, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1988, p.117-118. Um trabalho mais detalhado é o texto que despertou a minha curiosidade sobre o assunto, mas que infelizmente é inédito: Mauch, Cláudia. *Colônia Africana: criminalidade e controle social*. Porto Alegre: Texto inédito, CPG em História/ UFRGS, agosto 1988.
3. Sobre classes perigosas e negros como membros potencialmente permanentes dessa noção, ver, em um resumo brilhante da questão, Chalhoub, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.20-29. Sobre a reestruturação do mercado de trabalho, no caso do Rio Grande do Sul, e os seus reflexos sobre a população negra gaúcha, ver Pesavento, Sandra Jatahy. *A emergência dos subalternos: trabalho livre e ordem burguesa*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS/FAPERGS, 1989.
4. Baseio-me no chamado *paradigma indiciário* de Ginzburg, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.143-179, que, como método histórico, estabelece a possibilidade de conhecimento da realidade - opaca e não diretamente apreensível - através de alguns sinais ou indícios secundários apresentados pelas fontes; utilizo aqui também, como ferramenta metodológica, as técnicas de montagem propostas por Walter Benjamin, de contraposição e justaposição, a partir da leitura que faz delas Bolle, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, principalmente nas páginas 88-103.
5. *Representações coletivas* são vistas aqui principalmente como construções mentais dotadas de um sentido, e que se pretendem gerais, a partir do consenso desse seu sentido para toda a sociedade: ver Bourdieu, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989, p.113. O que vai interessar neste trabalho é verificar os reflexos desse conceito sobre o imaginário social, ou seja, sobre "o sistema de idéias e imagens de representação coletiva que todas as sociedades criam para si": Pesavento, Sandra Jatahy. O desfazer da ordem fetichizada: Walter Benjamin e o imaginário social. *Cultura Vozes*, v. 89, n. 5, set/out 1995, p.35. O poder dessas representações depende tanto da sua fundamentação sobre a realidade como da autoridade de quem as cria, interessando, sobretudo, que quando conseguem-se estabelecer sobre o imaginário social, elas passam a exercer poder em si, como a realidade - ver Bourdieu, *op. cit.*, p.116. Nesse sentido, as fontes - os documentos oficiais, as colunas dos jornais, os relatos dos memorialistas, as diferentes imagens ico-

nográficas, etc. - estão impregnadas destas representações, construções mentais e visões de mundo que são estruturadas como *a verdade* sobre um mundo social muito mais complexo e dinâmico.

6. No sentido trabalhado por Baczko, Bronislaw, *Los imaginarios sociales: memorias y esperanzas colectivas*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991.
7. O processo de estabelecimento da modernidade na cidade é responsável pela criação de uma série de novas representações coletivas, algumas delas apontando para a exclusão. A modernidade que então se estabeleceu mostrou como nunca uma faceta excludente, num processo semelhante ao ocorrido em outros centros urbanos, em período semelhante, podendo ser sintetizado pelos seguintes preceitos: "a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense". Sevcenko, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.30.
8. Para as idéias da elite sobre branqueamento e da possível inviabilidade nacional do País por causa da miscigenação, ver Schwarcz, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
9. Pesavento, Sandra Jatahy (coord.) *Memória Porto Alegre: espaços e vivências*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS/PMPA, 1991, p.42; é onde também aparece essa visão étnica da origem dos arraiais.
10. Porto Alegre Pitoresca. *Iris*, Porto Alegre, ano II, n. 6, out. 1921. As charges são de autoria de J. Telles, Rio de Janeiro, 1920. Só localizei esta única folha da revista, que encontra-se no arquivo pessoal de Athos Damasceno Ferreira (material avulso), guardado no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Não existe, que eu saiba, remanescente inteiro desse número da revista *Iris* em outros arquivos.
11. Pesavento, Sandra Jatahy. O diabo escondido (da arte do cômico). In: Pesavento, Sandra Jatahy (coord.). *Porto Alegre caricata: a imagem conta a história*. Porto Alegre: UE/Secretaria Municipal da Cultura, 1993, p.12.
12. A imagem de *família* é recorrente no processo de colonização e no imigrantismo brasileiro: os casais açorianos ou os núcleos familiares coloniais alemães e italianos são apenas alguns exemplos do caso histórico do Rio Grande do Sul. É interessante verificar que ainda hoje, nos dados envolvendo a distribuição de terras para a reforma agrária, a quantidade de pessoas assentadas é colocada em termos de número de *famílias*.
13. Aqui deve ser considerada uma outra variante possível: a charge (se levada ao extremo a sua relação com a realidade), por ter sido feita por alguém no Rio de Janeiro, um ano antes de sua publicação, pode estar retratando a Colônia Africana do passado, essencialmente negra e conturbada, e não a que

- na década de 1920 queria-se mostrar como o *saneado* Bairro Rio Branco.
14. Wagner, Matias. *Paróquia de N.S. da Piedade de Porto Alegre - 1916-1958*. Porto Alegre, s/editora, s/data, p.18. Este relato é uma das principais fontes que se tem sobre a Colônia Africana, embora mostre-a justamente quando já se iniciara o processo de sua descaracterização como área essencialmente negra.
 15. Só para se ter uma idéia do tom geral dos artigos sobre a Colônia Africana, publicados em alguns jornais da virada do século, reproduzo parte de um deles como exemplo: "Um tenebroso inferno assemelha-se a famosa Colônia Africana, antro de vagabundos e desordeiros, que por ali pintam o caneco. Não há dia em que não role o pau por certas tabernas ali situadas, onde se juntam os avinhados heróis do cacete e da faca." *Gazeta da Tarde*, Porto Alegre, 13 jul. 1896, Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.
 16. A ligação do Colônia Africana com o Mont' Serrat é feita por Sanhudo, Ary Veiga. *Porto Alegre: crônicas da minha cidade*, 2º volume. Porto Alegre: Editora Movimento/IEL, 1975, p.114. Uma das indicações de que a Colônia Africana *subiu o morro* pode ser vista num trecho do *Correio do Povo* de 27/1/1940, transcrito em PORTO ALEGRE. PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA. *Carnavais de Porto Alegre*. Textos de Flávio Krawczyk, Iris Germano e Zita Possamai. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 1992, p.26, onde diz que sabia-se da proximidade do carnaval porque "os morenos desceram o morro, desembocaram da *Colônia Africana*", para pedir dinheiro para o seu carnaval. Agradeço a Iris Germano pela dica dessa última fonte.
 17. Existe a hipótese de que a homenagem a Francisco Ferrer tenha decorrido do desejo dos anarquistas de Porto Alegre, mas ela possivelmente foi colocada em função do segundo homenageado, Cesar Lombroso, que faleceu "na noite de 18 de outubro de 1909 [...] tomado por um mal-estar cardíaco quando soube da execução do anarquista Ferrer": Darmon, Pierre. *Médicos e assassinos na Belle Époque: a medicalização do crime*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p.39.
 18. Esta observação é, na verdade, feita por Franco, *op. cit.*, p.117-118, a partir do que coloca Sanhudo, *op. cit.*, p.113.
 19. Este dado é indicado por Moraes, Paulo Ricardo. Colônia Africana: a história esquecida. *Zero Hora*, Caderno D, Porto Alegre, 25 jun. 1989, p.1, que nessa matéria jornalística trabalha com depoimentos de antigos moradores, e descendentes desses, da Colônia Africana.
 20. Como exemplo, é interessante ver o que o cônego Wagner chama de *Ilustrações*, pequenas crônicas que nos mostram a resistência dos moradores negros da Colônia Africana em abandonar suas *crendices e superstições*, claramente cultos de origem africana, e enquadrar-se na vida católica. Wagner, *op. cit.*, p.25-32.